

*EM 1949, Herbert Steinhouse, jornalista canadense que trabalhava em Paris, descobriu a história de Oskar Schindler, um industrial alemão que salvou seus trabalhadores judeus dos campos de morte nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Na época, nenhuma revista se interessou pela coisa. Havia pouco mercado para histórias sobre «alemães bons» e, por outro lado, talvez imperasse a idéia de que os leitores já estavam fartos de guerra, que terminara há apenas quatro anos.*

*Hoje, a saga de Schindler é celebrada no livro A Lista de Schindler, do australiano Thomas Keneally, e no filme homônimo de Steven Spielberg, vencedor de vários Oscars da Academia. O artigo de Herbert Steinhouse, publicado pela primeira vez este ano, é o único relato que inclui uma entrevista com o próprio Schindler, falecido em 1974.*

**F**oi o contador Itzhak Stern quem me falou de Oskar Schindler. Haviam se conhecido em Cracóvia, em 1939. «Tenho de reconhecer que durante muito tempo suspeitei das intenções dele», me confessou Stern. «Perdi minha mãe em Auschwitz logo no início da guerra.»

## O VERDADEIRO **Oskar Schindler**

HERBERT STEINHOUSE



Stern era o chefe da contabilidade de uma grande empresa de importações e exportações, propriedade de judeus, quando os alemães ocuparam a Polônia em setembro de 1939. A empresa foi expropriada e confiada a um administrador alemão. Um dia, esse alemão levou consigo um amigo e apresentou-o ao contador.

**A visita.** «Foi precisamente no momento em que a situação tinha começado a ficar pior para os judeus que tive essa reunião com Oskar Schindler», me contou Stern. «Ele queria saber que tipo de judeu eu era. Informe-me do que todo mundo sabia: eu era vice-presidente do Escritório Judaico para o Oeste da Polônia e membro do Comitê Sionista Central. Ele educadamente me agradeceu a resposta e afastou-se.»

No dia 3 de dezembro, Schindler voltou a visitá-lo, só que desta vez fê-lo à noite, indo a casa de Stern. Falaram principalmente de literatura, tendo Schindler revelado um interesse inusitado pelos grandes escritores em iídiche. De repente, comentou: «Ouvi dizer que amanhã vão fazer um ataque de surpresa ao resto das propriedades judaicas.»

Reconhecendo o aviso, Stern espalhou a notícia e salvou muitos amigos do mais selvagem «controle» até então efetuado pelos alemães e percebeu que Schindler tinha tentado ganhar sua confiança, embora ele não fosse capaz de perceber por quê.

Schindler havia chegado a Cracóvia meses antes, vindo de sua cidade natal de Zwittau, do outro lado da fronteira dos Sudetos. Ao contrá-

rio da maior parte dos aventureiros que acorriam a uma Polônia prostrada, a fábrica que ele recebeu não tinha sido expropriada de nenhum judeu, mas, sim, provinha do Tribunal de Direito Comercial. Era uma firma de produtos esmaltados que há muitos anos ameaçava falir. No inverno de 1940, Schindler começou a trabalhar ali com uma centena de operários, entre os quais sete judeus, e manobrou para que Stern fosse nomeado seu contador.

A produção floresceu depressa, pois Schindler era um trabalhador arguto e incansável, e a mão-de-obra, abundante e barata. Durante o primeiro ano, o número de trabalhadores aumentou para 300, dos quais 150 judeus. Em finais de 1942, a fábrica empregava quase 800 homens e mulheres. Os judeus, então num total de 370, provinham todos do gueto que os alemães haviam criado em Cracóvia. «Poder sair de lá durante o dia e ir trabalhar numa fábrica alemã representava uma enorme vantagem», explicou-me Stern.

As relações entre Schindler e os trabalhadores judeus começaram e continuaram num plano extremamente circunspeto. Ele não tinha praticamente nenhum contato com eles, salvo com os poucos que, como Stern, trabalhavam nos escritórios. Mas, comparando sua sorte com a dos outros, sitiados no gueto de onde as deportações já tinham começado, ou até com a sorte daqueles literalmente escravizados por alemães em fábricas nas proximidades, os trabalhadores judeus de Schindler

começaram a apreciar a posição em que se encontravam. Percebiam que o *Herr Direktor* os estava protegendo e depressa se espalhou a informação de que a fábrica de Schindler era o local certo para se trabalhar.

Embora eles não o soubessem, Schindler ajudava-os falsificando os registros da fábrica. Pessoas idosas constavam como tendo menos 20 anos; crianças, como adultos; advogados e médicos, como operários especializados em trabalhos de metal, mecânicos e desenhistas, profissões consideradas essenciais para a produção de material de guerra.

Schindler ocupava suas noites a entreter os oficiais das SS e da Wehrmacht, cultivando amizade com pessoas influentes sempre que possível. Seu encanto e sua aparente confiabilidade política tornaram-no popular nos círculos sociais nazistas.

Sentado atrás de sua secretária de contador, Stern podia ver o que se passava atrás da porta de vidro do escritório de Schindler. «Quase todos os dias, de manhã à noite, era um desfile de oficiais e outros visitantes. Schindler tinha por hábito encher-lhes os copos de vodca e brincar com eles. Quando se iam embora, ele me convidava para seu gabinete e então, com calma, punha-me a par do motivo que os tinha lá levado. Schindler fazia-lhes crer que sabia conseguir que os judeus trabalhassem e pedia que mais deles lhe fossem trazidos. Foi dessa forma que pôde ter em sua fábrica famílias inteiras e parentes, salvando-os da deportação.» Schindler ja-

mais dava explicações, mas Stern começou a confiar nele.

Enquanto seus amigos no gueto eram assassinados nas ruas, morriam de doença ou eram deportados para Auschwitz, a vida na fábrica continuou a decorrer nesse tom discreto até 1943. A 13 de março, foram recebidas ordens para que o gueto de Cracóvia fosse fechado.

Todos os judeus se viram então transferidos para o campo de trabalhos forçados de Plaszow, nos arredores da cidade. As condições vigentes nesse lugar eram chocantes. Prisioneiros às centenas morriam ali ou eram deportados para Auschwitz. A ordem de extermínio dos judeus já havia sido emitida.

Os operários de Schindler também foram transferidos para Plaszow, mas continuaram a passar o dia na fábrica. Um dia, Stern adoeceu gravemente e enviou um recado a Schindler pedindo ajuda. Este foi imediatamente visitá-lo, levando consigo remédios, e continuou a ir lá até Stern se recuperar por completo. Mas o que viu em Plaszow assustou-o. Também não estava gostando do que vinha acontecendo na fábrica.

**Dificuldades.** Cada vez mais imponente diante dos perseguidores dos judeus, Schindler verificou que já não conseguia divertir com as antigas amenidades os oficiais que faziam as visitas de inspeção. O jogo duplo tornava-se mais difícil.

Uma vez, durante uma inspeção, uma comissão das SS viu um velho, de nome Lamus, arrastando-se pelo pátio da fábrica, extremamente de-

primido. O chefe da comissão perguntou por que aquele homem estava tão triste e foi informado de que ele havia perdido a mulher e o filho único há poucas semanas, durante a evacuação do gueto.

O comandante ordenou então a seu ordenança que abatesse o judeu. «Para que se vá juntar à sua família no céu.» Em seguida, soltou uma gargalhada e se afastou. Schindler ficou com o ordenança e Lamus.

«Baixe as calças até os tornozelos e comece a andar», ordenou o oficial ao velho, que fez o que lhe era ordenado.

«Vocês estão interferindo em minha disciplina de trabalho», disse Schindler, desesperado. O oficial das SS riu.

«A moral de meus trabalhadores cai com isso», tornou Schindler. «A produção vai ser afetada!» O oficial tirou a arma do coldre.

«Uma garrafa de genebra se não matá-lo!», gritou Schindler.

Para espanto seu, o oficial guardou a arma e, de braço dado com ele, foi até seu escritório apanhar o presente que ganhara.

**Boa jogada.** É provável que incidentes como este tenham levado Schindler a assumir um papel antifascista mais ativo. Na primavera de 1943, ele começou a mexer seus pauzinhos, a subornar e a passar a perna no oficialato nazista, com o que viria a salvar tantas vidas.

A primeira ambição de Schindler era tentar ajudar os prisioneiros de Plaszow. Outros campos de trabalho da Polônia tinham já sido fecha-

dos e seus habitantes liquidados. A instâncias de Stern e de outros judeus, certa noite Schindler conseguiu convencer o responsável pelo armamento na Polônia que as oficinas de Plaszow, até então só usadas para consertar uniformes, se adequavam de modo ideal à produção de material bélico. Plaszow foi então oficialmente transformado num campo de concentração essencial ao esforço de guerra.

Essa jogada fez que Schindler ficasse bem visto junto do comandante de Plaszow, o *Hauptsturmfuehrer* Amon Goeth, que teve com isso seu *status* elevado. Quando Schindler pediu que os judeus de sua firma fossem transferidos para um subcampo próprio, perto da fábrica, «a fim de poupar tempo na deslocação para o trabalho», Goeth acedeu. Desse momento em diante, ele conseguiu contrabandear comida e remédios para o campo. Os guardas eram subornados e Goeth jamais descobriu os verdadeiros motivos do industrial.

Schindler começou então a assumir riscos cada vez maiores. Interceder por algum judeu acusado de ter cometido um «crime» era um hábito perigoso, mas que ele começou a adotar com alguma regularidade. «Parem de matar meus bons trabalhadores!», era seu argumento habitual e que funcionou vezes suficientes para salvar dúzias de vidas.

Na primavera de 1944, os alemães estavam em plena retirada da frente oriental. Foi ordenado o esvaziamento do campo de Plaszow e de

seus subcampos. Era chegada a hora de Schindler jogar seu trunfo.

Ele começou trabalhando todos os seus companheiros de bebida e folguedos, seus contatos nos círculos militares e industriais em Cracóvia e Varsóvia. Subornou, elogiou, suplicou, insistindo até lhe ser finalmente dada autorização para transferir uma força de 700 homens e 300 mulheres para uma fábrica em Brinnlitz, em sua terra natal, nos Sudetos.

A transferência não correu sem percalços. Alguns vieram a descobrir que seu trem fora desviado para o campo de concentração de Gross-Rosen, onde muitos foram espancados e torturados. Além disso, foram todos obrigados a ficar de pé no grande pátio, e a ficar tirando e pondo seus bonés todos juntos o dia inteiro. Mas, uma vez mais, Schindler deu provas de sua capacidade de acionar suas influências. No início de novembro, os *Schindlerjuden* (judeus de Schindler) estavam todos reunidos em seu próprio campo.

Até a libertação, na primavera de 1945, eles continuaram a ludibriar os nazistas no perigoso jogo de se manterem vivos, ao mesmo tempo que fingiam estar contribuindo para a produção de material bélico. Os que conseguiram fugir dos transportes de evacuação de Auschwitz e de outros campos situados no trajeto dos exércitos russos, cuja chegada era iminente, encontravam ali um refúgio onde não lhes eram feitas perguntas. Schindler chegou mesmo a propor corajosamente à Gestapo que lhe enviasse todos os fugi-

tivos judeus que fossem interceptados, «no interesse da continuação da produção de guerra».

**Esforço total.** Sua compaixão e seu sacrifício não tiveram limites. Gastou todo o dinheiro que tinha e vendeu as jóias de sua mulher para arranjar comida, roupas e remédios e para comprar genebra com que pudesse subornar os investigadores das SS. Equipou um hospital secreto com equipamento médico obtido no mercado negro. Sua mulher, Emilie, cozinhava e cuidava dos doentes.

Numa noite, já bem tarde, quando o império nazista começou a ruir, Schindler recebeu uma chamada telefônica da estação de trens perguntando-lhe se estaria disposto a receber dois vagões apinhados de judeus semicongelados.

Esses vagões, que tinham sido trancados para manter uma temperatura interna de  $-15^{\circ}\text{C}$ , continham cerca de uma centena de homens doentes que ali estavam desde sua saída de Auschwitz, dez dias antes. Havia instruções para que a carga humana fosse despejada em alguma fábrica que estivesse disposta a recebê-la, mas, assim que o diretor era informado da condição dos prisioneiros, nenhum aceitava recebê-los. Schindler ordenou que o trem fosse imediatamente enviado para o ramal que servia sua fábrica.

Os fechos dos vagões estavam cobertos de gelo tão sólido que estes tiveram de ser abertos a machado e a maçarico de acetileno. Em seu interior, miseráveis seres humanos jaziam estendidos, enregelados. Cada

um deles teve de ser removido dali como uma carcaça de carne congelada. Treze estavam mortos, mas os outros ainda respiravam.

Durante toda essa noite e ao longo de muitos dias, Oskar e Emilie Schindler, acompanhados por alguns homens, trataram desses esqueletos famintos e gelados. Morreram mais três homens, mas, graças aos cuidados recebidos, ao calor, ao leite e aos medicamentos, paulatinamente os outros começaram a melhorar. Tudo foi conseguido sub-repticiamente; os guardas da fábrica foram subornados para não informarem do fato o comandante da SS. A convalescência dos homens também teve de prosseguir em segredo, para evitar que fossem abatidos como inválidos inúteis.

E a vida foi seguindo assim em Brinnlitz, até os russos entrarem, no dia 9 de maio. De manhãzinha bem cedo, depois de se certificar de que seus trabalhadores se encontravam finalmente fora de perigo, Schindler e sua mulher desapareceram. Durante meses ninguém soube deles, até que reapareceram na zona da Áustria controlada pelos Estados Unidos. Para os nazistas ele teria todas as respostas, mas pensando bem decidira que, como proprietário de uma fábrica de trabalho escravo, não devia correr o risco de acabar morto por acaso pelas tropas russas antes que tomassem referências sobre sua pessoa.

NOS QUATRO anos que se seguiram, os judeus de Schindler se espalha-

ram pelo mundo. Muitos passaram a viver como Pessoas Desalojadas em campos na Alemanha.

Schindler acabou por ir parar em Munique, dependendo grandemente de encomendas que lhe eram enviadas por «seus» judeus da América. As organizações de assistência judaicas localizaram-no e então ele começou a receber uma ração completa de comida e cigarros. Vivia como um judeu desalojado.

Demonstrou ser útil às autoridades americanas, tendo sido alvo de enorme hostilidade ao fornecer documentação detalhada sobre todos os seus antigos companheiros de bebida, os terríveis proprietários de fábricas de trabalho escravo junto da sua, sobre todos os grupos detestáveis que havia embriagado e bajulado para salvar vidas.

Esta é a história de Schindler tal como é relatada hoje por milhares de pessoas em diversos países. Mas a pergunta que importa fazer é: que fez que Oskar Schindler agisse dessa forma?

Uma testemunha, Ifo Zwicker, proveniente de Zwittau, cidade natal de Schindler, depois de confirmar entusiasticamente sua já famosa saga, acrescentou: «Eu nunca o teria julgado capaz de todos esses atos maravilhosos. Antes da guerra, todos aqui o chamavam de *gauner* (vigarista), sabe?»

Ter-se-ia esse *gauner* transformado num antifascista por saber que os nazistas estavam condenados ao fracasso? Isso não explicaria sua conversão em 1939 ou 1940 nem tam-

pouco as centenas de riscos graves e até de vida que correu.

A única conclusão possível parece ser que a ação de Schindler proveio simplesmente daquele senso elementar de decência e humanidade em que nossos tempos tão refinados só muito raramente parecem acreditar com sinceridade. Passar uma hora conversando com ele só reforça o crédito nessa simples resposta.

Hoje, com 40 anos, Schindler é um homem de uma honestidade convincente e de encanto cativante. Alto e espigado, tem em geral um sorriso alegre no rosto de traços fortes. Seus olhos azuis e francos também sorriem, salvo quando se contraem, aflitos, nas lembranças do passado. Aí, então ele projeta o queixo e cerra o punho, com que bate lentamente, mas cheio de ira. Ao sorrir, desvenda juvenildade e profundidade, com um riso que se transmite imediatamente a quem o vê. «Foi acima de tudo seu modo de ser que nos salvou», notou um dia um sobrevivente judeu.

Há alguns meses, os esforços continuamente promovidos por mui-

tas pessoas em favor de Schindler, acabaram por dar frutos. Depois de anos de tentativas, a Comissão Conjunta de Distribuição, agência de assistência americano-judaica, recebeu autorização para que ele deixasse a Alemanha de vez. Foi-lhe oferecido um fundo pecuniário e um visto para a Argentina, ajudando-o assim a pôr um ponto final em sua confusa cirandagem e na pobreza dos anos de pós-guerra. Oskar e Emilie Schindler irão embarcar num navio em Gênova e partir em busca de seu futuro ainda desconhecido.

*Os Schindler chegaram à Argentina, mas Oskar e Emilie se separaram em 1957. Todos os negócios em que ele repetidamente se envolveu falharam redondamente. Voltando à Alemanha, ele acabou por depender cada vez mais das ofertas de benfeitores judeus. Quando morreu, em 1974, suas aventuras do tempo de guerra ainda não tinham sido amplamente divulgadas, embora fossem conhecidas em Israel. Oskar Schindler foi declarado Gentio Honrado e seus restos mortais, levados da Alemanha, jazem em Jerusalém.*

© 1949 DE HERBERT STEINHOUSE, «SATURDAY NIGHT» (ABRIL DE 1994), TORONTO, ONTÁRIO. FOTO: AL TAYLOR

---

## **Obra-prima**

DATILOGRAFAR trabalhos foi sempre um problema para quase todos nós na faculdade, mas um estudante sentiu especiais dificuldades em datilografar um relatório. Depois de várias tentativas, utilizando grandes porções de corretor, acabou por entregar seu estudo.

Quando o professor lhe restituiu o trabalho, o comentário à margem era o seguinte: «O trabalho está bastante bom, mas a escultura na página três é ainda melhor.»

— Reverendo T. G. N. Green, Reino Unido